



## Autoidentidade e continuidade do mundo<sup>1</sup>

Kitaro Nishida

### 1

O que eu chamo de *autoidentidade* não significa apenas que uma coisa<sup>2</sup> é *uma* coisa; mas que ao mudar, não muda; e que quando é *múltiplo*, é *um*. O que eu chamo de *continuidade* também deve possuir tal significado, isto é, que quando é *múltiplo*, é *um*. O mero *um* não pode ser chamado de continuidade; e, da mesma forma, o mero *múltiplo* não pode ser chamado de continuidade.

Quando se fala em *múltiplo*, devemos considerar que existem coisas individuais e independentes. Se estas coisas são *um*, em contrapartida, devemos aceitar que não são coisas individuais e independentes. Dizer que o *múltiplo* é *um* é uma contradição. Pois se existe o *múltiplo*, não podemos pensar este como *um*. Da mesma forma, ao pensarmos o *um*, este não pode ser o *múltiplo*. Quando nós pensamos, usualmente, em *uma* coisa que é *múltipla*, consideramos apenas um ou outro. Quando pensamos que uma coisa<sup>3</sup> possui atributos, consideramos que diferentes atributos pertencem à tal coisa; portanto, não podemos considerá-los como algo independente e único. Quando pensamos, de algum modo, que as coisas individuais se sucedem<sup>4</sup>, ou seja, quando pensamos a continuidade, temos como fundamento<sup>5</sup> o *múltiplo*. Se for assim, deve haver um mediador<sup>6</sup> em algum sentido. Pode ser que se considere que

1 Esta tradução corresponde à primeira parte do artigo que traz o respectivo título, publicado no volume 8 das Obras Completas de Nishida, intitulado “Ensaio Filosófico” (NKZ,8).

2 Nishida não especifica qual *kanji* (漢字) utilizado para esta palavra: *mono* (もの), que foi escrita em *hiragana*. Essa palavra pode ser escrita utilizando um dos dois *kanjis*, ambos com a mesma pronúncia: (1) 物 – coisa, no sentido objetivo ou coisas em geral ou (2) 者 – que significa pessoa. Portanto, もの, em *hiragana*, – apesar de traduzida aqui como coisa, poderia ser entendida como algo mais abrangente, sem a divisão entre pessoa ou coisa enquanto objeto.

3 Aqui, e em vários outros pontos no texto onde está traduzida como *coisa*, Nishida faz o uso explícito de 物 (*mono*), coisa enquanto objeto.

4 Nishida utiliza a palavra 相連なる (*ai-tsuranaru*). Para expressar *sucessão*, basta utilizar 連なる (*tsuranaru*), porém o autor parece reforçar a ideia de uma sucessão interdependentes entre os objetos ao acrescentar o 相 (*ai*) que significa juntos, ambos ou com.

5 基 (*moto*): fundamento ou base, utilizado em japonês, por exemplo, para expressar também o fundamento ou o alicerce de construções físicas.

6 媒介者 (*baikai-sha*): literalmente um mediador – é usado para expressar, por exemplo, quando

as coisas individuais se conectam uma à outra através de suas bordas<sup>7</sup>; mas enquanto a borda pertence à coisa individual, ela não pode conectar as coisas individuais uma às outras. Se as coisas individuais estão conectadas uma às outras por um mediador, as coisas, uma vez que possuem essa natureza mediadora, são mediadas por esse mediador. Ocorre o mesmo quando pensamos a relação entre as ações: se duas ações se juntam e se tornam uma coisa só, esta não passa de uma só ação. Quando as duas ações individuais se juntam, estas necessitam de um mediador, caso contrário, seria apenas como que ação de uma ação. A continuidade, diante disso, deve ser pensada como uma unificação da contradição entre as coisas individuais e independentes com as coisas universais; isto é, a autoidentidade daquilo que é absolutamente contraditório: nesse sentido, pode-se dizer que ambos, o *Eu Absoluto* de Fichte e a *Identidade* de Schelling, possuem tal significado. Em especial, a dialética de Hegel possui esse significado.

Para pensarmos uma coisa que é idêntica a si mesma, mas que é absolutamente contraditório - isto é, a verdadeira união dos opostos - é preciso considerar a coisa individual como plenamente individual; e a coisa universal como plenamente universal. Dizer que o *individual é plenamente individual* significa que essa coisa deve ser inteiramente autodeterminante<sup>8</sup> e independente. Dizer que uma coisa *universal é inteiramente universal* significa que a coisa universal deve determinar as coisas individuais, abrangendo-as; ou, pelo menos, ser o mediador dessas coisas individuais. Se não for assim, não podemos chamar tal coisa de universal. O universal é algo que determina por extensão<sup>9</sup>. Ainda que uma coisa individual determine a si mesma, não podemos pensar que há apenas *uma* coisa individual. A coisa individual só é uma coisa em contraposição com outra coisa individual. O próprio conceito de coisa individual contém uma autocontradição. Se uma coisa individual é uma coisa individual enquanto contrastado com outra coisa, deve haver um mediador entre elas: é preciso que haja um universal. O verdadeiro universal deve determinar a coisa individual; ou, pelo menos, ser o mediador das coisas individuais: isso deve significar a negação da coisa individual. Ao considerar tal significado radicalmente, no entanto, os individuais desaparecem. Mas quando os individuais desaparecem, por consequência, o universal também desaparece. Se não for assim, o universal seria

---

um organismo que em si não é patógeno, carrega doença infecciosa e transmite para outros hospedeiros. No decorrer do texto, Nishida faz uso frequente deste conceito, e parece se valer do sentido hegeliano de mediador: afirmação de que o ser e o conhecimento são condicionados por outras coisas.

- 7 縁暈 (*en-un*): significa borda ou franja de um tecido, ou de um fio. Pode ser traduzido também como margem ou orla. Aqui Nishida parece se apropriar do termo *fringe* de William James, utilizado na sua teoria de consciência.
- 8 自己自身を決定し他によって決定されるものであってはならぬ - a tradução literal ficaria: "Determina a si mesmo e não é determinado pelo outro".
- 9 外延 (*gaien*) - Nishida parece aplicar a ideia de extensão lógica: na qual um conceito abrange um conjunto de coisas, por exemplo, conceito de planeta engloba Terra, Marte, Jupiter etc.; conceito de arte abrange música, teatro, pintura etc.

apenas uma coisa individual, sem nenhuma oposição a isso. Uma coisa individual sem nenhuma oposição a ela, porém, não é nada. Em razão do que foi dito acima<sup>10</sup>, o individual precisa ser mediado pelo universal; e precisa ser uma determinação do universal. Ao pensarmos dessa forma, devemos considerar que tais coisas não são individuais. No sentido em que determina a si mesmo, essa coisa deve ser um universal. Além disso, essa coisa universal, no que lhe concerne de fato, deve ser ela mesma uma coisa individual. Isso deve significar novamente, contudo, que o individual deve se opor ao individual. O universal e o individual, por mais que sejam contrários entre si, isto é, sendo absolutamente contrários, são imediatamente idênticos: ou seja, são autoidentidades contraditórias. Disso resulta que podemos pensar, de um lado, uma coisa que é infinitamente individual; e, do outro lado, uma coisa que é infinitamente universal. Dessa forma, a verdadeira *continuidade* possui tal significado: algo que é uma autoidentidade contraditória. Devemos considerar que, ao pensar a verdadeira continuidade do mundo real, não há mera continuidade; e nem há mera descontinuidade. Portanto, *há uma continuidade da descontinuidade*. A realidade é móvel; portanto, a realidade é também temporal. O tempo, em um certo sentido, é espacial. O presente é temporal e espacial; e sendo o presente a autodeterminação do autocontraditório, estabelece o tempo. Tanto uma *continuidade* imaginada como mera linearidade; quanto uma *descontinuidade*, considerada meramente como algo individual independente, são concebidas de forma abstrata em termos de mutuamente contraditórias.

Se representarmos tal concepção em sinais, considerando que “*e*” seja uma coisa individual autodeterminante e seja ele mesmo um mediador de si por completo, é uma linearidade “*e1, e2, e3...*”; e no extremo dessa série se torna “*E*” e, assim, torna-se “*M*”. Nesse momento, há nisso um aspecto “*A*”. O “*A*”, no que lhe concerne, não é meramente um “*A*”; mas mediante a determinação de particulares, é substancial<sup>11</sup>. Portanto, deve ser “*M*”. Se não for assim, seria novamente um mero “*e*” e entraria na série “*e1, e2, e3...*”. Portanto, disso tudo resulta que “*A = E*”, isto é, “*M*”; portanto, devemos pensar aquilo que é real como “*m1, m2, m3...*”.<sup>12</sup>

Muitas pessoas pensam que a realidade é, em simultâneo, universal e individual; e, em simultâneo, continuidade e descontinuidade; que no mundo real, não há apenas um mero universal ou um mero individual; nem apenas uma mera descontinuidade ou uma mera continuidade. Eu não me oponho a isso. A questão é a partir de qual ponto de vista tais pessoas pensam isso. Eu digo que o mundo, enquanto algo que se move na realidade e enquanto interação entre movimento de coisas, deve ser pensado como uma unidade contraditória.

10 No original, a tradução ficaria “em razão do que foi dito à *direita*” (右), pois a orientação da leitura em japonês é da direita para esquerda, no vertical.

11 No origina, 実体的 (jittai-teki). A palavra 実体(jittai) pode ser entendida como substância.

12 No ensaio original, Nishida apresenta uma explicação mais detalhada dos sinais utilizado nesse parágrafo ao final do seu texto.

O que é, então, a autoidentidade contraditória? Não se pode pensar a autoidentidade contraditória como uma coisa individual que direciona tudo para uma determinação do particular; nem como universal que engloba tudo na direção de uma determinação do universal. Se pensarmos em algo assim, em uma das dessas direções, não seria unidade contraditória. Eu falo, portanto, de uma *determinação sem um determinante*; ou uma *determinação de nada*. Mesmo aqueles que pensam na unidade contraditória, de alguma forma estão pensando objetivamente em algo individual. E do ponto de vista do *self* cognoscente<sup>13</sup>, eles pensam a unidade do mundo como algo que é o ser e o nada; a afirmação e a negação. Contudo, não é possível que algo meramente pensado objetivamente; ou algo meramente subjetivo, seja considerado autocontraditório. Isso não passaria de uma simples contradição. Nesse caso, não se pode pensar a unidade da contradição. Se nisso quisermos pensar a unidade contraditória, devemos pensar como um processo infinito; devemos pensar como uma série. Mesmo afirmação-imediatamente-negação<sup>14</sup>; ou negação-imediatamente-afirmação<sup>15</sup>, deve ser pensado como série em um processo infinito. Frequentemente, a continuidade é pensada principalmente como unidade do individual nessa série. Contudo, ao pensarmos tal série, deve-se considerar que a unidade do individual já é a unidade do universal. Por isso, já possui o significado de uma *autonegação*. Se este for o caso, devemos pensar que há um universal por trás desta série. O universal que fundamenta esta série, então, deve individualizar a si mesmo; deve ser a negação de si mesmo. Só é possível pensar tal série, pois o individual é universal; e o universal é individual. Se um indivíduo é um indivíduo em relação a outro indivíduo, deve haver um mediador. Contudo, as coisas são mediadas dado que possuem característica de um mediador. Além disso, ao pensarmos isso até o limite, consideramos o individual como um mediador; e o individual, portanto, desaparece. Ainda mais: quando não há o individual, também não há o mediador. O verdadeiro particular nega-se a si mesmo; e medeia a si mesmo. O verdadeiro mediador nega-se a si mesmo; e individualiza-se a si mesmo. Assim, o individual é o mediador; e o mediador é o individual; e, dessa forma, é possível pensar verdadeiramente a unidade de contraditórios. Enquanto pensarmos, em qualquer sentido, que por detrás do processo dialético existe a unidade de coisas individuais; ou que existe a unidade de coisas universais, não se pode dizer que este se trata do verdadeiro processo dialético. Tal dialética não reconhece a independência e a singularidade de coisas individuais. Quando uma coisa individual é realmente singular, deve-se pensar o individual como absolutamente independente; sem um mediador e absolutamente autodeterminante. Simultaneamente, o individual deve

13 知的自己 (chi-teki-jiko): o *kanji* 知 tem vários significados: conhecimento, intelecto, sabedoria etc.

14 肯定即否定 (*koutei-soku-hitei*) – no sentido literal, significa negação que se segue imediatamente após afirmação. Este é um conceito fundamental no Zen Budismo: por exemplo, o *nada* não é somente negação, mas há conjuntamente, uma afirmação.

15 否定即肯定 (*hitei-soku-koutei*) – mesmo significado da nota 13, porém somente com inversão: afirmação que se segue imediatamente após a negação.

negar-se a si mesmo. O individual é individual em relação a individuais, portanto, o individual é algo mediado. O que seria esse mediador entre os individuais? Quando as coisas individuais se opõem, ou quando as coisas independentes se opõem entre si, deve haver uma relação de paralelismo<sup>16</sup>, portanto, deve haver um relacionamento espacial. Contudo, a coisa individual não é apenas um mero ponto; não é apenas uma mera determinação do universal, considerada um ponto limite<sup>17</sup>. O individual deve determinar a si mesmo. Dessa forma, o individual deve ser uma unidade linear infinita; deve ser algo temporal. Portanto, a autoidentidade contraditória ou a unidade dialética significa que o tempo é espaço; e o espaço é o tempo; e que aquilo que é linear é circular; e aquilo que é circular é linear. O tempo é circular nas suas próprias raízes; e o verdadeiro espaço real é temporal e contém o tempo. Por exemplo, o espaço, considerado enquanto físico, é tetradimensional. Se não for assim, seria considerar como um espaço geométrico. Mas por onde o tempo e o espaço se conectam como unidade de contraditórios? Eu penso que eles se conectam no presente. O presente tem amplitude: é tanto espacial como temporal. O presente não é apenas quadridimensional; mas é multidimensional. Assim, o presente real possui inumeráveis dimensões. A série do tempo deve ser considerada a partir da autodeterminação do presente. Também a extensão do espaço deve ser pensada a partir da autodeterminação do presente. O presente não é unificado como individual; nem é unificado como universal. Se considerarmos um desses dois, não pode haver o presente. Contudo, o presente também não é um mero *sem-unidade*. O presente possui a unidade do próprio presente. Se não for assim, nós não poderíamos pensar o presente. O presente possui um centro que não tem um centro.

Quando dizemos *agora*, já não é mais *agora*. O *agora* é algo que não pode ser apreendido. O presente, contudo, deve ser o lugar da interação mútua de coisas individuais. Ao eliminar o presente, não se pode pensar algo como o *mundo real*. O que significa dizer que as coisas individuais se interagem mutuamente? As coisas que se interagem mutuamente devem ser coisas individuais uma das outras e independentes uma das outras. Se não for assim, não haveria ações. Como podem coisas independentes terem relacionamentos e interações mútuas? Para que as coisas se interajam mutuamente, deve haver um mediador. Que a coisa age sobre a outra por um mediador significa que a coisa se nega a si mesma e se torna ela mesma um mediante. A coisa material age através do fato de possuir o espaço. O fato da coisa individual negar a si mesma e se tornar uma coisa universal, significa ação. Quando uma coisa se torna mediador dela mesma, é possível pensar que há uma unidade interior e uma expansão interior. Mas quando pensamos na interação mútua entre as coisas, devemos considerar que o mediador dessas coisas deve ser idêntico; o universal deve possuir o significado de *lugar*. Enquanto uma coisa somente se torna

16 並列的關係 (*heiretsu-teki kankei*) – literalmente, uma relação de coisas que se alinham lado a lado, ou que se organizam em fila.

17 極限点 (*kyokugenten*) – 極 (*kyoku*) significa o limite, o fim, o final de uma seqüência.



o mediador de si mesma, essa coisa não pode ter ação sobre outras coisas. Que a coisa medeia a si mesma por um mediador idêntico a outra coisa, significa que a coisa, quando afirma a si mesma, está negando; e, quando nega a si mesma, está afirmando. É preciso pensar que nisso há a continuidade da descontinuidade. Caso houvesse apenas continuidade, a coisa seria a sua própria mediadora; seria absolutamente uma única coisa; portanto, não teria ação sobre outra coisa. Dessa forma, a coisa que é única seria *nenhuma coisa*. Contudo, quando pensamos que existem apenas duas coisas nessa relação mútua entre as coisas, elas poderiam também ser pensadas como extremidades<sup>18</sup> opostas de um único mediador. Ao pensarmos dessa forma, isso seria novamente apenas uma única coisa. Portanto, quando pensamos em relação mútua entre coisas verdadeiramente independentes, devemos pensar na relação de ao menos três coisas. Só a partir de então pode se dizer que quando uma coisa age, nega-se a si mesma, tornando-se uma outra coisa; e que essa coisa realmente se torna uma coisa que age. O elemento mediador das relações mútuas nas quais coisas independentes se interagem mutuamente, assim, deve ser locacional<sup>19</sup>. Um mediador locacional, dessa forma, deve ser compreendido como verdadeira continuidade da descontinuidade; uma autoidentidade contraditória; uma unidade dialética. Que as coisas independentes umas das outras tenham interação mútua umas com as outras, significa que o lugar (*bashô*) determina a si mesmo. Que o lugar (*bashô*) determina a si mesmo significa que as coisas interagem umas com as outras. Quando pensamos a unidade dialética como uma ação para a afirmação-negação imediata; e para a negação-afirmação imediata; não se pode descartar que uma coisa individual se torna o mediador de si mesma. Portanto, ainda estamos lidando aqui com uma dialética subjetiva, na qual o nosso *eu* se torna o mediador de si mesmo; e não com uma dialética absoluta. Pode-se dizer que até mesmo Hegel não conseguiu se desvencilhar deste ponto de vista.

Dizer que o lugar (*bashô*) determina-se a si mesmo como mediador locacional, em outras palavras, a continuidade da descontinuidade, significa que as coisas se determinam mutuamente e que se interagem mutuamente. E que o lugar (*bashô*) se determina a si mesmo significa que as coisas interagem mutuamente. Disso resulta que algo novo surge na determinação locacional; melhor dizendo, pela autodeterminação do presente, algo novo surge no presente. Este algo é aquilo que surge como resultado das interações mútuas entre as coisas: o *fenômeno*<sup>20</sup>. Contudo, sem a autodeterminação do lugar (*bashô*), sendo a continuidade da descontinuidade, não há interação mútua de coisas; sem a interação mútua de coisas, não há uma única coisa. Por outro lado, não há um mediador sem a determinação mútua das coisas; não há mero mediador. Isto é a autoidentidade do mundo dialético;

18 両端 (*ryōtan*) – significa extremidade dos dois lado; ambas as pontas.

19 場所的 (*basho-teki*) – relacionado a lugar (*bashô*), traduzida a partir daqui como locacional. *Bashô* é um dos conceitos fundamentais da filosofia tardia de Nishida.

20 現象 (*genshou*) – utilizado em japonês para designar todas as coisas que os humanos podem perceber enquanto aparição na natureza e no mundo.

a autodeterminação de tal mundo é um ato de moldar<sup>21</sup>. Este ato de moldagem é um ato criativo por ser uma determinação sem determinante. No fundo dessa moldagem, não importa em que sentido, nada pode ser pensado; não se pode pensar na unidade de coisa individual. Assim, não se pode pensar a tal moldagem como mero processo. O que se pode pensar como processo é que uma coisa se torna mediadora de si mesma; e se medeia a si mesma. Ainda que se pense no processo dialético da afirmação-imediatamente-negação e negação-imediatamente-afirmação, como podemos considerar a união entre a afirmação e a negação? Isso precisa ser pensado, em qualquer sentido, como desenvolvimento da divisão de uma coisa; ou, se não for assim, como um mero mediador. No entanto, com isso não se pode pensar um mundo real, no qual as coisas se interagem mutuamente; o mundo da relação de causa e efeito. Nem se pode pensar o mundo verdadeiramente criativo. O que eu chamo de *continuidade da descontinuidade*, não significa simplesmente que as coisas surgem de um lugar<sup>22</sup> que não há nada; nem que as coisas surgem a partir do *nada*. Que algo novo surge no presente como determinação locacional, significa que inúmeras coisas se determinam mutuamente; significa que as coisas interagem mutuamente; assim, para que algo surja, deve haver interação mútua de coisas. Em contrapartida, contudo, não há como as coisas se interagirem mutuamente sem que algo surja. Não há um efeito sem que haja uma causa; e nem há uma causa sem que haja um efeito. Sem a contraposição de coisas, não se pode pensar o mediador; e sem o mediador, não se pode pensar em contraposição de coisas. No entanto, o processo dialético só pode ser pensado enquanto não se pensa ainda a contraposição de coisas como absoluto, isto é, enquanto não se pensa a contraposição verdadeira de coisas individuais.

Acredito que o assim chamado *mundo da causalidade mecânica* também é uma determinação locacional da determinação mútua de coisas individuais, isto é, o mundo da continuidade da descontinuidade. Podemos pensar nos fenômenos físicos pelo fato de que as coisas se determinam mutuamente no presente; e pela mudança no mediador locacional espaço-temporal; isto é, pela mudança no espaço físico. Isso é o movimento. Contudo, como a autodeterminação de coisas individuais no mundo físico é mínima, ela não é criativa, compreendida como repetição do mesmo mundo. No mundo biológico, no entanto, os indivíduos nele presente já se autodeterminam. O processo da vida é criativo e, dessa forma, o processo da vida é continuidade da descontinuidade. Por fim, no mundo histórico, a coisa individual realmente se determina a si mesma; a coisa individual é o indivíduo<sup>23</sup>;

21 形成 (*keisei*) – também pode ser traduzido como formação - no sentido de aplicar formas; ato de dar formas.

22 Aqui, Nishida faz uso de outro *kanji* para designar lugar: 所 (*tokoro*) que tem o mesmo significado de lugar como o 場所 (*bashô*), porém com uso mais abrangente e ligeiramente diferente da última. Por exemplo, com o 所 (*tokoro*), por exemplo, pode-se designar partes de uma coisa: “eu gosto dessa parte (所) dessa pintura” ou “essa parte (所) deste livro é emocionante”.

23 Aqui, Nishida faz o uso da palavra 個人 (*kojin*), que significa indivíduo enquanto pessoa, diferente de outras partes do texto que ele usa a palavra 個物 (*kobutsu*) que significa indivíduo

e isto é completamente linear-temporal. Por conta disso, pode-se pensar em um verdadeiro mundo criativo; pode-se pensar verdadeiramente em um mundo da continuidade da descontinuidade; pode-se pensar em um mundo que determina sem um determinante na determinação de *nada*. Pode-se pensar um mundo histórico através da autodeterminação do eterno agora, no qual o linear é circular; e o circular é linear. Quando eu falo de autodeterminação do eterno agora, talvez pode-se pensar de imediato em uma realidade mística; mas o mundo de nossas ações; este mundo que criamos coisas através de nossas ações; o mundo da *poiesis*; é um mundo temporal-espacial, subjetivo-objetivo da autodeterminação do eterno agora. Devemos pensar o mundo verdadeiramente real como um mundo da autodeterminação do eterno agora. Mesmo quando pensamos em um mundo do espaço físico, temporal-espacial, já se encontra aí a autodeterminação do eterno agora. Que os fenômenos físicos estão ocorrendo aqui nesse momento, no sentido de mudanças no espaço físico, significa que as coisas estão interagindo mutuamente. Por outra perspectiva, o fato que as coisas se interagem mutuamente significa que, através das mudanças no espaço físico, os fenômenos físicos ocorrem. Que os eventos históricos estão acontecendo aqui nesse momento, significa que nós movemos pela razão das mudanças no mundo expressivo, subjetivo-objetivo, e no mundo histórico-social. Obviamente, quando a coisa se torna uma coisa, isto é, quanto se torna verdadeiramente temporal, nós nos contrapomos ao mundo dos objetos, que é subjetivo-objetivo. Até mesmo os seres vivos já se contrapõem ao meio ambiente. Como será mostrado mais adiante, contudo, o mundo de objetos, subjetivo-objetivo enquanto coisa mediadora, significa que nós verdadeiramente nos determinamos descontinuamente reciprocamente como indivíduos autodeterminantes; isto é, nós realmente nos autodeterminamos dialeticamente. Um ser vivo, para não mencionar a matéria física, não pode verdadeiramente determinar a si mesmo. Este mundo (material e biológico) não é verdadeiramente a continuidade da descontinuidade; não é um mundo subjetivo-objetivo; é ainda um mundo de continuidade. Apesar disso, é a partir do mundo da dialética absoluta que podemos pensar múltiplos mundos contínuos, tanto na direção da determinação individual; quanto na direção da determinação universal. Portanto, disso podemos pensar que as coisas se interagem uns com os outros continuamente. Estes mundos são apenas mundos de objetos vistos a partir do eu intelectual.

Do ponto de vista da epistemologia kantiana ou da fenomenologia husserliana, não se pode pensar o mundo da continuidade da descontinuidade. O mundo visto do ponto de vista do eu intelectual é inteiramente subjetivo, de forma inevitável. Em especial, a posição da fenomenologia propôs<sup>24</sup> até o extremo o ponto de vista do eu

---

enquanto coisa; ou item individual.

24 押し進めた (*oshi-susumeta*) – tem um sentido de empurrar; forçar adesão à uma posição. Aqui, embora traduzida no texto como *propôs*, Nishida parece apresentar uma certa crítica à tendência da sua época de adesão à fenomenologia husserliana



cognoscente interior<sup>25</sup>. Mesmo através da posição de Heidegger, enquanto ele entende o mundo através da medição do eu, não se pode pensar um mundo verdadeiramente objetivo. Além disso, ainda que se pense o mundo a partir da mediação de um eu atuante, não é possível escapar do posicionamento de que o próprio *eu* é o mediador. Assim, disso não se pode pensar um mundo que verdadeiramente determina a si mesmo. Mesmo que se pense este mundo como determinação mútua de coisas contraditórias, isto é, o eu e o mundo, o sujeito e o objeto, é uma determinação mútua de duas coisas que, em contrapartida, pode ser pensado também como união e divisão de uma coisa. Ou mesmo que se pense num processo dialético infinito, a determinação individual, na qual as coisas se contrapõem, não pode ser justificado com ela. Este pensamento ainda não escapou da posição de fazer do nosso *eu*, que se torna o mediador de si mesmo e que medeia a si mesmo, como um modelo a partir do qual se pensa o mundo. Agora, poder-se-ia perguntar: ao desconsiderar a mediação de si mesmo, por qual mediador o mundo determina a si mesmo? No entanto, o nosso *eu* pensante também precisa ser mediado pelo mundo que determina a si mesmo. O mundo medeia a si mesmo logicamente; o que é real é lógico. Pode-se dizer, novamente, que é o *eu* que pensa assim. Já podemos dizer logicamente, contudo, que o *eu* é uma existência em si contraditória. Por isso, Hegel partiu do *Ser* ao invés de *Eu* de Fichte; e Spinoza partiu de *causa sui* em vez de *cogito ergo sum* de Descartes. Em suma, se em algum sentido pensarmos que o mundo real é mediado pelo *eu*, não se pode escapar do ponto de vista da consciência. Em síntese, este seria um posicionamento no qual a coisa individual se medeia a si mesma. Colocando dessa forma, não quero dizer meramente que o objetivo é o fundamento do subjetivo; ou que meramente coisas individuais surgem de coisas universais. A ciência<sup>26</sup> se estabelece fundamentada nas coisas universais. Não é possível pensar o mundo dialético através do ponto de vista da ciência. Ainda que afirme que através das ações a realidade é conhecida, tais ações já são subjetivas por um lado. Caso contrário, não haveria diferença entre a ação e um mero movimento. Em um certo aspecto, é claro, o objeto determina o sujeito. No entanto, não surge nada do que é subjetivo pelo que é meramente objetivo; e a consciência não emerge da matéria que é simplesmente considerada objetiva.

Tradução de *Lucas Murata*<sup>27</sup>

Revisão técnica de *Antonio Florentino Neto*

Revista digital: [www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos](http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos)



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

25 内部知学の自己

26 科学 (*kagaku*) – pode ser traduzido também como ciências naturais

27 Graduando em Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL)